

IMAGENS DE SI E DO OUTRO EM RELATOS DE SUJEITOS AUTORREFERENCIADOS GORDOS

VIRGINIA BARBOSA LUCENA CAETANO¹; LUCIANA IOST VINHAS²

¹UFPEL – vicaetano24@gmail.com

²UFPEL – lucianavinhas@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Passamos, atualmente, por um período de grande valorização da imagem corporal. Em consequência disso, as relações entre os sujeitos e seus corpos se tornam cada vez mais conflituosas. É comum encontrar, nas redes sociais online, relatos de sujeitos que sofrem por não se encaixar nos padrões corporais naturalizados na formação social. Um desses relatos nos serve como corpus para esse trabalho, que, ancorado na Análise de Discurso pêcheuxtiana (AD), objetiva analisar as imagens que o sujeito autorreferenciado gordo faz de si e do outro, além dos efeitos de sentido produzidos por esse imaginário no discurso do sujeito gordo e na maneira como ele se subjetiva.

Adotamos como perspectiva teórica a AD, disciplina de entremeio entre a Linguística e o campo das Ciências Sociais, que toma como objeto de estudo o discurso e considera os processos de produção dos sentidos, pela análise das relações entre língua, sujeito e ideologia. A escolha por essa perspectiva teórica para a análise do discurso de sujeitos autorreferenciados gordos apoia-se no fato de que a AD, ao se filiar, em sua construção epistemológica, ao Materialismo Histórico e a Psicanálise, nos permite compreender como os imaginários de si, do outro e do corpo gordo se constroem historicamente e de que maneira afetam os sujeitos em suas relações sociais e subjetivas.

Nosso corpus é composto por um relato, selecionado por nós, dentre um conjunto de relatos que compõe o projeto *Não tem cabimento* desenvolvido por uma blogueira que se autodesigna como Mulher Gorda. O referido projeto tem como objetivo coletar relatos de sujeitos que sofreram, ao longo de sua vida, com a gordofobia. Esses relatos são enviados para a blogueira através de uma página na rede social digital Tumblr, e são organizados e publicados nessa mesma página.

2. METODOLOGIA

É importante destacar que em AD, teoria que embasa esse trabalho, não há uma metodologia pronta, passível de ser aplicada a todo e qualquer discurso analisado. É de responsabilidade do analista, frente ao *corpus* escolhido, construir, a partir do dispositivo teórico disponibilizado pela AD, seu dispositivo de interpretação, atentando, sempre, às exigências do discurso que se propõe a analisar (ORLANDI, 2015).

Em nosso trabalho, recortamos quatro sequências discursivas para análise. Nesse processo, buscamos selecionar, do *corpus*, quatro sequências que nos permitissem observar as formações imaginárias (imagem de si, imagem do outro e imagem do corpo gordo) que atravessam o discurso analisado, assim como, as formações discursivas (FD) que interpelam o sujeito do discurso em análise e as

memórias sobre o corpo gordo que são resgatadas e atualizadas nesse processo discursivo. Dentre os recursos linguístico/discursivos destacados na análise estão: a negação – que, de acordo com Indursky (1997), é um dos processos de internalização de enunciados oriundos de outros discursos – a designação e os advérbios de intensidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pêcheux (2014) destaca que ao produzirmos um discurso, sempre o fazemos de um lugar determinado na estrutura da formação social. Contudo, esses lugares, no processo discursivo, não funcionam como “um feixe de traços objetivos” (p.82), eles se encontram representados e transformados, através das Formações Imaginárias. Dessa forma, o que funciona no discurso é o lugar que cada sujeito atribui ao outro e a si, e as imagens que esses sujeitos fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro.

O autor aponta, ainda, que as diversas formações imaginárias resultam de processos discursivos anteriores, ou seja, a percepção que o sujeito tem de si e do outro é sempre atravessada pelo “já dito”. Há, portanto, uma relação intrínseca entre ideologia, memória e imaginário. Para compreendermos os imaginários relacionados aos corpos é necessário articular a ideologia às formações imaginárias, uma vez que “a imagem que é feita de um determinado corpo é determinada ideologicamente” (VINHAS, 2014, p. 107).

Em relação ao imaginário de si, percebemos, a partir da análise das sequências, que o sujeito autorreferenciado gordo é interpelado pela FD dominante, que privilegia o corpo magro em detrimento do corpo gordo, no que diz respeito à beleza, saúde, bem-estar, etc. Contudo, esse sujeito está passando por um processo de contra-identificação com a FD que o interpela, ou seja, ele não se identifica plenamente com a forma-sujeito que regula essa FD, passando a assumir uma nova posição-sujeito. Essa contra-identificação se dá, principalmente, pelos saberes advindos de uma FD da saúde, que atravessa os discursos sobre o corpo e que produzem a evidência de que todo corpo gordo é doente, sentido esse com o qual o sujeito não se identifica, pois considera seu corpo saudável, embora tenha dificuldade em aceitá-lo e apreciá-lo.

Já em relação ao imaginário do outro, podemos perceber que o sujeito autorreferenciado gordo, antecipa que o outro – compreendido aqui como os sujeitos que não são gordos ou a sociedade em geral – alimenta um sentimento de repulsa em relação ao corpo gordo, e, em consequência disso, o rotulam negativamente ou simplesmente o excluem. É interessante observar que esse sujeito produz um discurso sobre si que se ancora, na realidade, no imaginário do que o outro pensa e diz sobre o corpo gordo. Colocando-se, dessa maneira, como vítima do olhar do outro.

Essa relação imaginária que o sujeito autorreferenciado gordo estabelece entre si e o outro, nos permite atrelar o discurso em análise à complexa questão dos ressentimentos. Kehl (2005) aponta que ressentir-se implica dois processos: uma persistência no sofrimento e a atribuição a um outro da responsabilidade pelo que lhe faz sofrer. No discurso analisado podemos compreender o relato de caráter autobiográfico como um resgate da memória do sofrimento, cultivada pelo sujeito, que atribui seu sofrimento, sua não-aceitação, sua angústia em relação ao seu corpo, à sociedade contemporânea que, ao privilegiar o corpo magro e estigmatizar o corpo gordo, faz com que o sujeito se sinta humilhado, rejeitado e entre em conflito com seu próprio corpo.

4. CONCLUSÕES

Os resultados apontados pelo nosso trabalho são indícios da urgência de que se volte o olhar para os discursos sobre o corpo gordo que circulam em nossa sociedade. As complexas relações que os sujeitos contemporâneos estão construindo com seus corpos, alimentadas pelos “padrões de corpo perfeito” determinados socialmente, geram produções discursivas ricas de possibilidades interpretativas. Nesse sentido, os princípios teóricos da AD nos permitem explorar vários efeitos de sentidos produzidos por esses discursos, que ainda estão à espera de análise. Assim como, discutir as relações entre inconsciente e ideologia, discussão tão cara a teoria.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KEHL, M. R. O ressentimento camuflado da sociedade brasileira. **Novos estudos**, São Paulo, v. 1, n. 71, p. 163-180, 2005.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: Princípios & Procedimentos. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD 69). In: GADET, F; HAK, T. (orgs). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora Unicamp, 2014. p. 59-158.

VINHAS, L. I. **Discurso, corpo e linguagem**: Processos de subjetivação no cárcere feminino. Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2014.